

«Reencontrar sob as pedras os segredos das origens», como dizia Marguerite Yourcenar.



Passeio da Comunidade

**Borba da Montanha
Celorico de Basto**

18 e 19 de Junho



CASTELO DE ARNOIA. Ilustração do Pintor Gouvêa Portuense. **(A gloriosa história dos mais belos Castelos de Portugal)**, Porcacalense Editora [1969], p. 59).

Castelo de Arnoia

Castelo românico, enquadra-se no movimento de encastelamento que entre os séculos X e XII marcou o território europeu

Castelo românico, situado outrora na terra de Basto, enquadra-se no movimento de encastelamento que entre os séculos XS e XII marcou o território europeu. Na sua estrutura, posicionada no alto de um cabeço montanhoso, destacam-se quatro elementos defensivos: a torre de menagem (cujo último piso e conjunto de ameias firam reconstituídos no século XX), o torreão quadrangular, uma única porta e cisterna. Foram identificados testemunhos arqueológicos relativos à ocupação da fortaleza entre os séculos XIX e XVI. Esta é já a época de decadência da estrutura que, em tempo de paz, era um mero símbolo de organização administrativa e do poder senhorial que tutelava o território. O abandono deu-se definitivamente a partir de 1717, quando as elites deixaram o pequeno lugar da vila de Basto ainda persiste ao logo doo ramal que lhe deu origem e que ligava a velha estrada da Lixa à importante via Amaran-te-Arco de Baúlhe, hoje identificada como aldeia do Castelo. O pelourinho, a casa das audiências e a botica lembram a movimentada rua ao longo da qual se desenvolveu a povoação.

reza a lenda

Lenda do castelo de Arnoia

Conta-se, na tradição oral, que na época em que o território era disputado entre mouros e cristãos, o Castelo de Arnoia foi cercado por um numeroso exército mouro. Sendo a guarnição militar do castelo em número muito inferior ao inimigo, não tinha hipótese de vencer a batalha. Então com o auxílio da população local, ao anoitecer, acenderam archotes que ataram aos cornos das cabras

dos rebanhos da aldeia. Então os mouros, vendo ao longe tantas luzes no morro do castelo, contaram cada cabra por dois homens e, perante tão forte opositor, desistiram da conquista do castelo e partiram em retirada.

(in *Castelos do Norte de Portugal*, portoenorte, Viana do Castelo, s/data).



A Roda do Santinho

TÍNHAMOS ABANDONADO a estrada há uma boa meia-hora para agora percorrer caminhos verdadeiramente intransitáveis – esburacados e tortuosos lajedos ou caminhos de cabras – quando alguém que ao lado trabalhava – uma figura veneranda de velho filósofo irmão gémeo de pensar e sonho do Herbanário de que nos fala Júlio Diniz na «Morgadinha dos Canaviais» - nos dizia que era ali já. Respiramos fundo como quem alcança uma coisa já há muito desejada e, continuamos a marcha por entre aqueles pedregulhos polidos e gastos pelo tempo.

Chegamos finalmente a casa amiga. À tarde, como não conhecíamos a aldeia, pusemo-nos a passear. Sempre apreciemos os sítios elevados onde a vista melhor se pode estender a admirar a maravilha inigualável da criação e por isso, com agrado das pessoas que nos serviam amavelmente de guia, subimos ao cimo da montanha com a ajuda das verdes giestas que tapetavam toda a encosta.

Agora encontramos, a circular a coroa da montanha já a poucos passos, um caminho bem lançado. Visionamos logo ali obra dos romanos que tantos vestígios deixaram da sua passagem por estas bandas. Mas continuamos a subida. O dia não estava muito quente e uma aragem fresquinha soprava do Marão.

Chegamos finalmente!

Como uma cabrinha traquina subimos a um penedo, para mais alto ainda, embora os 760 metros que nos distanciavam já em altura do nível do mar, melhor poderemos admirar o

panorama que se mostrava surpreendente, encantador, magnífico, extraordinário! Fascinava a vista tanta luz e tanta grandeza!

O horizonte visual alongava-se num ralo de dezenas de léguas, muitas dezenas mesmo. Começando pelo norte e voltando-nos a pouco e pouco encontrávamos à vista desarmada Na. Sa. do Pilar da Póvoa de Lanhoso, as serras do Gerez e da Lameira, os montes do Sameiro e da Falperra, e em espelho brilhante, o mar desde Viana do Castelo até ao Porto, a Penha de Guimarães e consequentemente a Sa. da Lapinha, Penafiel, Valongo, Calve, Amarante, o castelo romano de Moreira, a serra do Marão, Na. Sa. da Graça no alto da sua montanha quási, cortada à faca e com Mondim alagado em baixo. Ribeira da Pena, serra da Cabreira e finalmente, já perto, a capela branquinha em construção ainda, de Na. Sa. do Viso.

Em baixo, ali no sopé da encosta, estava estendida preguiçosamente a aldeia, Borba da Montanha, do concelho de Celorico de Basto, em extensas campinas verdejantes de milho, sem árvore nem vinha, fazendo lembrar um pedaço do Alentejo para ali trazido em noite de luar por fadas brincalhonas e benfazejas.

Estávamos verdadeiramente encantado!

Nunca tínhamos visto um panorama tão deslumbrante!

Descemos porque tínhamos de andar muito naquele dia e a tarde já ia longe.

A «Roda do Santinho» o saudoso mirante, lá ficava majestoso e firme, insensível ao temporal inclemente.

Ao passar, agora já em baixo a meio da encosta, por uma gruta natural, aberta pelo tempo em solo duro e entre grandes massas de granito, fomos surpreendidos por um ruído exquisito. Pusemo-nos à escuta, entramos mesmo na gruta e então ouvimos distintamente o baque lento de grande cachoeira de água.

- Braço de mar?

- Sim, talvez. Um védor que há tempos aqui veio diz que aí está água que ameaça a todo instante inundar a aldeia, mas o povo na sua credence tece à volta disto uma lenda interessante.

Lá em cima, no alto da montanha, existiu em tempos longínquos um velho eremita que vivia em constante oração alimentando-se apenas das plantas que encontrava mais à mão e de água. Começou o povo a chamar-lhe santo e para confirmar essa voz mandou um dia Deus, numa manhã de sol, envoltos numa nuvem de fogo, um sem número de anjos e de virgens lindas para lhe fazerem companhia e suavizarem a sua existência.

Mas o santo eremita não trocava a sua constante oração pelas travessuras dos anjinhos.

Então as virgens com os seus longos vestidos azues deram as mãos

e começaram a andar incessantemente à roda, em vertiginosa corrida em volta do cabeço da montanha. E assim andaram tempos intermináveis até que romperam o solo deixando um caminho bem lançado naquele sítio, a que o povo chama a Corôa do Santinho.

Mas os anos iam passando e como os dias do santo eremita estavam contados, este, certo dia, viu finar-se-lhe a existência da terra.

Então os anjos subiram com ele ao céu em lindo carro de oiro enquanto que as virgens lhe conduziam o corpo para a gruta onde ele tantas e tantas noites passara em oração. Ali sepultaram o corpo do velhinho eremita entoando cânticos e hinos. O povo levou flores, muitas flores que as virgens colocaram carinhosamente sobre a cova do servo de Deus.

E as virgens lá continuaram muito tempo em cânticos e hinos, mas como não podiam ali estar por toda a vida fez Deus aparecer grande quantidade de água que presa fortemente entre penedo de granito e solo duro, canta constantemente linda serenata em honra do santo eremita que no céu está cheio de glória.

FIM

C. da Bidassoá [António Ribeiro da Cunha (1910-2007)].

Texto retirado de *“A Roda do Santinho”*. / In *Diário do Minho*, 20 de Agosto de 1936.



Na zona alta do Lugar de Barrega, fica o castro com o mesmo nome – Castro de Barrega, local popularmente conhecido como **Roda do Santinho**

Na freguesia de Arnoia... um velho castelos, que, por mal-entendido das injúrias do tempo e das pesquisas de quantos o têm suposto avaro guardador dum tesouro do *tempo dos mouros*, se acha assaz arruinado. Seu nome é tradicionalmente, castelo de Celorico de Basto; e isto porque a sede do Concelho assim chamado esteve naquela freguesia desde a sua instituição até 1719.

Como tantos outros castelos nortenhos, este de Arnoia fez parte de um conjunto defensivo do Portugal nascente; à parte esta óbvia circunstância, a sua história não é fértil em sucessos com sulco em memórias ou crónicas. Todavia, esmalta-lha o feito do pundonor cavalheiresco do seu alcaide Martim Vasques da Cunha, o qual, recusando-se D. Dinis, maldosamente, a exonerá-lo do preito que por este castelo fizera à rainha viúva. D. Brites, se dirigiu às principais cortes europeias, em indagação de como deveria honrosamente proceder em tal emergência. Devidamente informado, fez sair do castelo a guarnição, trancou a porta, lançou fogo a uma das casas e desceu pela muralha em cesto suspenso duma das ameias, assim se exonerando da alcaidaria, mas conservando intacta, ao modo da época, a sua honra de cavaleiro.

(A GLORIOSA HISTÓRIA DOS MAIS BELOS CASTELOS DE PORTUGAL, texto de Damião Peres, *Porcacalense Editora* [1969], p. 59)

Borba da Montanha



BORBA DA MONTANHA localiza-se na parte montanhosa de Celorico de Basto, a cerca de 16 km para ocidente da sede de concelho, ocupando uma área total de 9,91 km². Este território foi ocupado pelas primeiras comunidades agrícolas e metalúrgicas pré-históricas, entre o terceiro e o quarto milénio aC, sendo vestígios particularmente expressivos na paisagem as inúmeras mamoas (monumentos megalíticos de carácter fúnebre), e povoados, alguns dos quais possivelmente habitados continuamente até à época castreja (por exemplo, o Castro de Barrega).

De topografia destacada, o Castro de Barrega assume-se como um marco na paisagem humana deste território ao longo da Pré e Proto- História. Exemplo da sua singularidade é a estela antropomórfica proveniente da coroa do monte, exemplar de proto

estatuária calcolítica (terceiro milénio aC) com paralelos em várias regiões da Península Ibérica.



Barrega. Borba da Montanha.
Casa dos avós maternos do Pe. Arlindo

Igreja Paroquial (Santa Maria)



Igreja barroca de planta longitudinal com uma nave, capela-mor e torre sineira. O edifício conserva, ainda, um retábulo maneirista, ainda que misturada com elementos decorativos neoclássicos.

Capela de São Brás

Rodeada de campos, num pequeno largo à entrada da aldeia, de arquitectura religiosa, barroca e vernacular, cuja construção terá ocorrido no primeiro quartel do século XVIII.

Em 1980, década de ampliação e remodelação desta capela, foi destruído o alpendre e o púlpito exterior e surgiu um corpo que serve de nave. A cruz de terminais das hastes trilobados, com as faces principal e laterais decoradas com motivos alusivos à Paixão de Cristo, e na base, nicho em forma de manto albergando Nossa Senhora da Piedade, são os elementos de maior relevo desta capela.



antes



depois